

Como citar:

MARTINS, A. Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. Cadernos de Psicanálise (Círculo Psicanalítico/RJ), v.22, p.122-143, 2009.

Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica

*A silent violence:
considerations on the narcissistic perversion*

*André Martins**

Resumo: Este artigo se propõe a refletir sobre a violência silenciosa exercida pela perversão narcísica, abordando seus aspectos metapsicológicos, fenomênicos e clínicos. A violência cotidiana exercida pelo perverso narcísico não é do mesmo tipo de uma relação sado-masoquista. Ela é silenciosa por ser velada e insidiosa, centrada na questão do poder sobre o outro, não propriamente por um gozo, mas devido a uma necessidade estrutural de defesa narcísica. A dificuldade em seu reconhecimento e a orientação dada à análise em decorrência disso são obstáculos para o tratamento desta perversão atual ainda pouco estudada, sobretudo no Brasil.

Palavras-chave: Perversão narcísica, violência, violência cotidiana, assédio moral, mecanismos defensivos.

Abstract: *This article is proposed to think about the silent violence practised by the narcissistic perversion, boarding his metapsychological, phenomenological and clinical aspects. The daily violence practised by the narcissistic perverse is not of the same type of a sadomasochistic relation. She is silent because of being veiled and insidious, centered in the question of the power on other, not properly for a jouissance, but due to a structural necessity of narcissistic defense. The difficulty in his recognition and the direction given to the analysis as a result of this are obstacles for the treatment of this current perversion still not much studied, especially in Brazil.*

Keywords: *Narcissistic perversion, violence, daily violence, moral harassment, defensive mechanisms.*

* Filósofo, Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ e do Espace Analytique de Paris, Professor Associado da UFRJ (Faculdade de Medicina e Instituto de Filosofia e Ciências Sociais), Doutor em Filosofia, Doutor em Teoria Psicanalítica, Pós-Doutorado Sênior em Filosofia.

Introdução

O silêncio da violência exercida pelo perverso narcísico sobre seu cúmplice não é do mesmo tipo de uma relação sádica ou sado-masoquista, tampouco a vítima da agressão silencia porque se sente intimidada. Essa violência é silenciosa e a vítima a sofre de maneira silenciosa, porque se trata de uma violência velada e insidiosa, não assumida pelo agressor, negada e denegada por ele, que sutilmente inverte a relação acusando o outro de ser o culpado pela situação. Desta forma, a vítima se sente confusa e acaba por sentir-se culpada, o que, por sua vez, inocenta o agressor. Não se trata de uma violência física, e esta não é pontual: estende-se ao longo do tempo. Neste texto, buscarei caracterizá-la fenomenicamente e metapsicologicamente, a partir da literatura psicanalítica sobre o tema e de minha observação clínica.

Trata-se de um tipo de perversão que, embora certamente sempre tenha existido, talvez encontre na cultura contemporânea um terreno particularmente fértil, tornando-se mais comum do que poderíamos supor. Não é uma perversão explícita, mas ao contrário, imiscui-se no dia a dia, nas pequenas relações, nos pequenos atos, tendendo, assim, a passar despercebida. Em geral, até mesmo a vítima leva um longo tempo para perceber, e sobretudo para reconhecer, estupefata, que está presa nessa teia, posta nesse lugar; que tem sido cúmplice dessa violência silenciosa, a qual ela não deseja, mas que vem ao longo do tempo fazendo ruir sua auto-estima e sua paz interior.

O silêncio dessa violência se reflete, ainda, como aponta A. Eiguer (1996, p. 4), no relativo silêncio dos psicanalistas em relação a ela. Diz ele:

A perversão narcísica, este tema com contornos imprecisos, suscitou poucas reações na literatura [psicanalítica], e isto malgrado o interesse crescente pelas relações intra-familiares, [...] pela sedimentação dos conhecimentos sobre o narcisismo com todos os seus desenvolvimentos, pelo estudo já antigo da personalidade autoritária e do poder. Um estranho pudor parece ter se instalado nos espíritos mais críticos e os impediu de tentar penetrar nos segredos da relação entre dois indivíduos caracterizada pela dominação de um sobre o outro; surpreendente omissão, e tanto mais pelo fato de que o narcisismo foi considerado por Freud, na origem, como uma perversão.

Embora existam vários estudos sobre a questão (ANGELERQUES & KARNEL, 2003; HIRIGOYEN, 2002; NAVES, 1999; EIGUER, 1980, 1995, 1996, 2001; ANDRÉ, 1993; HURNI & STOLL, 1993, 2003a, 2003b; RACAMIER, 1986, 1987, 1992), certamente ainda são poucos se a compararmos a outros temas menos presentes na clínica. No Brasil, é ainda maior o silêncio sobre esta violência silenciosa. O pouco que se a estuda, por aqui, limita-se em geral ao assédio moral no trabalho, e raramente o faz à luz de uma reflexão psicanalítica. O próprio fato de muitos psicanalistas não reconhecerem em sua prática clínica este tipo de patologia suscita a hipótese de que talvez ela apenas não esteja sendo percebida ou detectada. Esta possibilidade nos parece grave, pois que, para o seu tratamento, é fundamental, certamente mais que para outros sintomas devido a seu caráter silencioso, o seu reconhecimento por parte do analista. Talvez essa dificuldade de detecção se dê, ao menos em parte, pelo fato de se a confundir com uma relação sado-masoquista, isto é, pelo fato de que não é fácil, para a psicanálise, reconhecer a existência de um quadro sintomático em que nem a agressão nem a vitimização se dão, propriamente, ou prioritariamente, por prazer ou por gozo, como veremos. Ou ainda, pelo fato de que nesse caso de perversão não é cabível atribuir uma responsabilidade à vítima pela agressão em si ou por sua manutenção, por mais que ela consinta com essa agressão por vias indiretas e complexas.

Embora haja pontos em comum, no que concerne às características que permitem o reconhecimento deste quadro, não há consenso entre os psicanalistas sobre todos os pontos que o cercam, e muito menos em relação a sua compreensão metapsicológica ou etiológica, no sentido dos fatores psíquico-ambientais que influenciam seu aparecimento ou seu desenvolvimento. Como, no que diz respeito a todos os temas da subjetividade humana caros à psicanálise, é evidentemente desejável que numerosas e diversificadas análises críticas e interpretativas se façam, de modo a que o debate possa fazer avançar o conhecimento e a compreensão que se tem dessa expressão psíquica, tão comum quanto pouco estudada. Pretendo contribuir, neste artigo, a partir de minha experiência e reflexão neste sentido, concentrando minhas considerações, contudo, não na perversão narcísica nas relações de trabalho, mas naquela que se constrói nas relações íntimas e familiares.

Considerações metapsicológicas e ambientais

Esta perversão é dita narcísica por funcionar como o que Eiguer nomeia de *um narcisismo intersubjetivo*: enquanto o narcisismo refere-se a um auto-

centramento defensivo, a perversão narcísica refere-se a uma falha narcísica inicial, a partir da qual o sujeito, ao invés de voltar-se para si, busca no poder exercido sobre o outro, uma forma de sustentação e preenchimento de seu próprio narcisismo. Trata-se de um mecanismo defensivo que se serve da identificação projetiva – no sentido kleiniano de uma combinação de sadismo anal e de sadismo oral, a saber, respectivamente: projetar no exterior o que se sente como ruim em si mesmo, e sugar o seio materno do que este tem de bom e desejável –, mediante a qual o agressor fortalece seu ego através da desvalorização do ego do outro. Trata-se de uma tentativa de se desembaraçar de conteúdos psíquicos perturbadores projetando-os no objeto, e buscando se ter um controle destes conteúdos através do estabelecimento de um controle do objeto. A perversão narcísica apresenta-se, assim, como uma tentativa desesperada de se evitar a perda do eu, a despersonalização ou mesmo a psicose (ANGELERQUES & KARNEL, 2003). Algo sentido, na mente do agressor, como uma luta pela vida, pela sobrevivência psíquica, devido à dificuldade de separação de um objeto primário que fora vivido como particularmente intrusivo. O agressor quer se separar deste objeto que lhe fez mal, mas teme não sobreviver caso consiga efetivar esta separação. Este temor se justifica, justamente porque ele não contou suficientemente com este objeto para integrar-se, considerando-se que a perversão narcísica remete a uma falha ambiental, nos termos de Winnicott (1983, p. 58 e p. 64), desde os primeiros meses de vida. O indivíduo odeia o objeto primário por ele ter falhado, mas precisa do objeto, do outro, justamente porque, devido a esta falha primária, sente que não sobrevive sem ele. Seria preciso parar de odiá-lo para sobreviver, mas o sentimento inconsciente do agressor é o de que o fim do ódio ao outro, do qual se nutre, corresponderia ao fim de si mesmo.

A perversão narcísica é, portanto, um tipo de perversão no qual o uso do outro como um objeto para si se dá pelo poder e domínio sobre o outro. Enquanto a perversão sexual – que, decerto, está também ligada ao narcisismo – responde a uma denegação da diferença sexual, a perversão narcísica necessita do outro para sua própria sustentação egóica. Muito embora, evidentemente, a perversão sexual possa também estar presente na perversão narcísica, assim como, por outro lado, a perversão narcísica tenha também, em sua origem, questões arcaicas sexuais (NAVES, 1999). O que há em comum nestes dois tipos de perversão seria a recusa narcísica dos desejos e necessidades do outro, em proveito de suas próprias necessidades psíquicas, por uma insuficiente introjeção superegóica. Ou em termos winnicottianos, tratar-se-ia de um desenvolvimento precário do *concern* pelo outro, caracterizado pela decorrente

suspensão deste *concern* sob certas relações ou situações específicas (sexuais ou egóicas), contudo usuais e cotidianas, vividas pelo agressor como psicologicamente ameaçadoras. Estas situações são usuais pois este mecanismo defensivo responde a falhas arcaicas que perduram como um pano de fundo na existência do agressor, que se vê estruturalmente necessitado deste apoio narcísico, sendo portanto continuamente levado a interpretar as condições ambientais como hostis e assim como exigindo que lance mão de sua defesa perversa. Embora alguns autores associem este mecanismo defensivo a uma atitude cícnica (EIGUER, 1995), é fundamental para a compreensão da dinâmica da perversão narcísica, entendermos o quanto a justificação de seus atos, que o agressor constrói para si, se dá de modo paradoxalmente inconsciente, uma vez que ele de fato acredita em suas construções de fundo paranóico, que se põem a serviço de um sentimento (e não de uma constatação racional ou de um cálculo) de que essas defesas são absolutamente imprescindíveis para sua sobrevivência. O que lhe vem à consciência é que o outro merece seus ataques, e que ele precisa estar sob controle e sob o seu domínio, uma vez que o agressor sente *de fato* o outro como lhe sendo ameaçador. O que o agressor não permite que lhe venha à consciência, é que esta ameaça é uma construção sua, uma manipulação inconsciente que visa apoiar-se no narcisismo desse outro.

Seu sentimento é o de que o ambiente e os outros se mostrarão, mais cedo ou mais tarde, como enganadores, maculados, falsos, dissimulados. Tal como analisa Eiguer, “o pênis do pai seria falso; a sustentação materna seria uma impostura” (1996, p. XII), de modo que “tudo lhe pesa” (1996, p. 64). Podemos dizer que, na verdade, “o perverso narcísico tem medo de seu inconsciente. Vai-se descobrir a evidência de sua castração primária? Seu sonho vai deixar transparecer o branco da ausência? Consternado, ele vigia, ele não tem repouso, trabalhando para erguer uma falsa imagem todo-poderosa a ser usada no mundo, uma imagem sem falhas, sem o mínimo reflexo do vazio”, que se mantém “sem sexo nem amor” (EIGUER, 1996, p. 64).

O perverso narcísico serve-se do outro para seus fins, e preocupa-se em fazer com que o outro se sinta culpado a fim de que a vítima não o odeie por manipulá-lo e usá-lo, e para que, isto feito, não consiga tornar-se independente. O perverso narcísico acredita (embora não o assuma ou admita) que, para sobreviver, é preciso usar o outro, sugá-lo, negá-lo, desrespeitá-lo, caso contrário o outro não aceitaria submeter-se a seu domínio; ele crê que não faz nada disso por mal – não era esse seu objetivo –, mas porque, caso não o fizesse, perderia o domínio da situação e se veria perdido e sem saída. Ele não assume, ou não percebe, que ‘precisa’ desta manipulação para ocultar um conflito in-

terno; para que ela o defenda contra a aceitação do sentimento de menos-valia que deveras sente. E é este sentimento de baixa auto-estima que o perverso narcísico buscará agravar no outro, como forma de dominá-lo.

Nos termos de Winnicott (1983), trata-se de uma luta para evitar a perda do contorno do eu, diante de falhas na integração do *self*. O agressor sente que seu eu é frágil; sente também que há problemas na integração de seu *self*; mas ele não vê como modificar esta situação, de modo que sua reação catastrófica, porém contínua diante desse quadro, é a de manter a todo preço e às custas do outro este contorno de seu eu, a fim de não defrontar-se com as falhas de integração de seu *self*. Sente que essas falhas podem ser percebidas pelo outro e, portanto, não pode relaxar a guarda, deve manter-se atento e atacar se for preciso. O pavor de enfrentar a si mesmo leva-o a considerar como justificadas quaisquer ações de uso e apropriação do outro – encarando-as como uma questão de sobrevivência, como uma legítima defesa. Suas agressões não consideradas como algo ativamente contra o outro, mas como uma defesa contra ataques que o outro lhe faz. Quando na verdade esta defesa se ergue contra seus próprios fantasmas e fraquezas, que o fazem sentir o outro e sua expansão como ameaçadores. Por um lado, ele sente o outro como ameaçador; por outro, ele precisa sentir o outro como ameaçador para legitimar sua necessidade de apoiar-se nele.

É neste sentido que o perverso narcísico serve-se de uma identificação projetiva negativa, projetando no outro o que de ruim ele sente em si próprio, podendo, assim, desvalorizar e destruir o outro, como se estivesse destruindo seus próprios fantasmas, dentro de si próprio, ou controlando-os ao controlar o outro. Desta forma, ele *existe através do outro* em dois sentidos: por um lado, destruindo suas próprias dificuldades imaginariamente (e continuamente) ao projetá-las no outro e controlando-o ou destruindo-o, pondo no outro aquilo que é recalcado de si mesmo, acusando-o daquilo que ele sente a respeito de si mesmo; e por outro, vivendo da vitalidade do outro (EIGUER, 2001, p. 111). Estes dois sentidos estão ligados: nem suas dificuldades findam ou se modificam nesta operação, nem a vitalidade que retira ao outro passa a ser sua. Daí o caráter infundável das agressões e injustiças: como a operação não é eficaz, precisa ser mantida, porque o que funciona é somente que sua manutenção de fato o impede de defrontar-se com seus problemas. Em outras palavras, a satisfação por ele experimentada será sempre superficial, pois dirá sempre respeito apenas a seu falso-*self*. Porém, mesmo se isso é vivenciado como existencialmente insuficiente, é ao mesmo tempo pragmaticamente considerado como suficiente, uma vez que ele sente e portanto considera seu verdadeiro-*self* como

ruim, falho, de modo que a insatisfação sentida confirma para ele a necessidade da defesa perversa: confirma que no fundo ele é uma pessoa ruim ou fadada ao fracasso, que precisa a todo custo esconder de si e dos outros esse núcleo mau, e que portanto é legítimo e necessário apoiar-se nos outros para sobreviver, tanto psiquicamente quanto materialmente. (ANGELERQUES, J. & KARNEL, F., 2003).

Considerações fenomênicas

“Um indivíduo pode conseguir destruir o outro por um processo de contínuo e atormentador assédio.” (HIRIGOYEN, 2002, p. 9) A perversão narcísica expressa-se por um assédio: o agressor, continuamente mas sobretudo em momentos de crise, ataca moralmente os pontos fracos da vítima, que se abala narcisicamente, pondo-se em questão de forma crescente, podendo em alguns casos chegar à depressão, ao suicídio ou à morte por doença degenerativa grave.

As características das vítimas são, em geral, aproximadamente as mesmas: uma pessoa de perfil *reparador*, com força, vitalidade e vivacidade, que preza a tolerância, que crê ‘entender’ o agressor e que cobra de si mesma não se abalar tão fortemente quanto se abala com as agressões sofridas. O agressor encontra, como cúmplices, também pessoas que como ele sentem dentro de si um núcleo ruim, e que vêem na submissão ao agressor uma possibilidade de sustentação egóica – neste caso, o quadro toma contornos sado-masoquistas, e a vítima torna-se, em geral, agressor de terceiros. O par agressor-vítima, contudo, como no primeiro exemplo, não é exatamente um par sado-masoquista, uma vez que, embora haja um sadismo da parte do agressor, a vítima não se compraz em sofrer, isto é, não tem necessidade psíquica do sofrimento, mas sim acredita que é forte o suficiente para entender o agressor e vir a não sofrer; e uma vez constatada a reincidência de seu sofrimento, acredita que conseguirá convencer o agressor de que não é bom para ninguém que ele agrida. E se, convencido de que não terá êxito em ajudar o agressor (que a vítima entende como alguém que tem limitações psíquicas e que sofre com isso), a relação chega a uma ruptura, experimenta um grande alívio, da retirada de um enorme peso sufocante e opressor.

O grau de masoquismo que poderíamos observar presente na vítima da relação perversa seria advindo, não propriamente, de um prazer no sofrimento, que não há, mas da percepção do sofrimento infligido como indicando um *desafio* a ser aceito e vencido, um obstáculo a ser superado. Quero dizer, o so-

frimento infligido pelo agressor é sentido pela vítima como narcisicamente engrandecedor, no sentido de uma provocação a sua força. Não é o caso, portanto, de que ele goste do sofrimento, mas sim, porque sente prazer no desafio que a agressão representa. Digamos que o masoquista se veria, no sofrimento, como uma vítima, enquanto que a vítima do assédio vê-se no sofrimento, antes, como um herói chamado a um grande embate no qual suas virtudes reparadoras poderão ser postas à prova. A agressão mobiliza as forças da vítima desafiando-a a confirmá-las naquele embate, face à dificuldade de lidar com a situação e de transformá-la, certamente alimentando um desejo de transformar o outro.

O paradoxo é o de que a vítima se enreda e se torna vítima, justamente por julgar-se forte, ao menos no fundo; por julgar-se capaz de superar o sofrimento advindo da agressão injusta, e obter, ao final, a grande recompensa de sua capacidade de resiliência, persistência e habilidade sobre o outro: recompensa que é, precisamente, o amor do agressor que até então acena com este amor seduzindo-a, mas na prática a desprezando mais do que supostamente a ama. Ou ainda, a recompensa esperada pela vítima seria o reconhecimento, por parte do agressor, do amor que ele, na verdade e no fundo, sentiria pela vítima, mas não sabe, ou não consegue expressar, devido a suas dificuldades afetivas e relacionais. O jogo do agressor consiste, assim, em dar a entender que ama a vítima, mas em não declarar, não enunciar este amor, ou fazê-lo cada vez menos ao longo da relação, e sempre de maneira ambígua, ambivalente, fugidia. E em alternar entre seduzir a vítima, e, nos momentos de crise, agredi-la fortemente com palavras que tocam seus pontos fracos e a desestabilizam. As vítimas obedecem ao agressor “primeiro, para dar prazer a seu parceiro, [...] pois ele tem um ar infeliz. Depois, [...] por medo” (HIRIGOYEN, 2002, p. 110). Nem que seja por medo de seu mau humor. “A submissão é aceita como necessidade de reconhecimento e parece preferível ao abandono” – reconhecimento que não virá nunca, ou se vier, virá sempre mitigado e parcial. “Como um perverso dá pouco e exige muito, uma chantagem implícita ou, pelo menos, uma dúvida torna-se possível: ‘Se eu me mostrar mais dócil, quem sabe ele poderá, enfim, me apreciar ou me amar.’ Busca sem fim, pois o outro não estará jamais satisfeito” (*idem*). A vítima fica paralisada “pela recusa em ver que ela é rejeitada” (*ibidem*, p. 111) ou para evitar o constrangimento e o desgaste de um conflito – pois sabe que qualquer contrariedade fará com que o agressor deflagre um conflito. Assim, “o agressor mantém no outro uma tensão que equivale a um estado de estresse permanente” (*idem*). Se isso fica explícito na relação de casal, algo análogo ocorre também em relações dentro de grupos sociais ou profissionais.

Enquanto que o ego do agressor se caracteriza por um narcisismo perverso, o ego da vítima é um ego paradoxalmente forte, não fraco, mas frágil e carente: não dependente da aprovação do outro, mas desejoso desta aprovação. É um ego desejoso de dar, de auxiliar, pois servir faz sentir-se dando ao outro aquilo que ele desejaria receber. Daí – de sua força, no sentido de resistência ao desamor – vem sua fragilidade que o faz colocar-se em relação com alguém que não lida bem com o receber, pois considera que a mãe, e portanto, o outro, o ambiente e o mundo, lhe deve algo, numa dívida sem fundo e sem fim. Um deseja dar amor ao ponto de buscar aquele que demasiadamente não o teve, enquanto que este cobra um amor que não existe, permanecendo insatisfeito. Ao invés de reconhecer o amor do outro, sente necessidade em desmerecê-lo. Quanto mais um se dedica ao outro, mais o outro despreza esta devoção. E trata de manter a relação manipulando-a através do assédio, aceito pelo outro na intenção de este findar, de superá-lo, de vencer as dificuldades da relação e se fazer amar. Trata-se de uma relação entre um ego sem *concern* e cuja culpa é paradoxalmente suspensa pela depreciação da vítima, e outro ego com demasiado *concern* e tolerância e cuja culpa inconsciente, que sente, é de forma geral escamoteada pelo desejo de superar o desamor do qual é objeto, e pela responsabilidade que sente pelo bem-estar do outro. Enquanto um esquece todas as agressões recebidas, considerando-as sempre aceitáveis, o outro coloca lentes de aumento nas reações agressivas daquele, considerando-as inaceitáveis e não as esquecendo jamais, de modo a poder lançar mão delas em suas acusações.

É justamente o fato de as acusações feitas não corresponderem à realidade que faz com que a vítima, embora se abale fortemente com elas (e aí está sua fraqueza, percebida inconscientemente e não perdoada pelo agressor), tente desconsiderá-las, pois, pensa, se não correspondem à realidade, não a deveriam estar abalando, e o agressor pode um dia vir a reconhecer que não são verdadeiras, mudar sua atitude, e tudo estará resolvido. Afinal, excetuadas as acusações, o agressor é sedutor, e o convívio entre eles é bom. Para o agressor, por sua vez, esta tolerância da vítima as suas palavras, tão cortantes e injustas, aparece por um lado como revelando a força da vítima, força que é um dos motivos de sua raiva, e por outro como revelando sua fraqueza, inaceitável aos seus olhos, no sentido de uma generosidade irritantemente boba de um fraco que não deveria aceitar ser assim ofendido – fraqueza que, para o agressor, é merecedora de menosprezo, desprezo e desdém, justificando assim para si, *a posteriori*, a agressão.

As vítimas “tentam compreender e sentem-se responsáveis” (HIRI-GOYEN, 2002, p. 10). Não se sentem responsáveis pela agressão em si, mas por compreendê-la e por vir a fazer com que o agressor não sinta mais necessidade

de agredir. Fica claro para a vítima que “tanta maldade só pode provir de muito sofrimento” (*ibidem*, p. 11); mas, enfatiza Hirigoyen, “é exatamente por isso” que o agressor manipula a vítima. ‘Por isso’ em dois sentidos: porque, de fato, o agressor sofreu antes e quer vingar-se no companheiro, e porque usa a compaixão da vítima para manipulá-la. Quanto mais o agressor se torna maldoso em suas palavras, mais a vítima se torna solícita, mais se adapta, mais cede, se restringe, adapta-se, mais tenta evitar o mau-humor, a ‘cara amarrada’, a censura ou a contrariedade, ou mesmo a tristeza, do agressor. Em sua manipulação, o agressor faz “recair sobre o outro a responsabilidade do que sucede de errado: ‘Não sou eu, é ele o responsável pelo problema!’” (*idem*), diz a si próprio, e à vítima – sem questionar-se em momento algum.

“Mesmo que sua perversidade passe despercebida por algum tempo, ela se manifestará em toda situação em que ele tiver que se envolver e reconhecer sua parte de responsabilidade” (*ibidem*, p. 11-12), observa Hirigoyen. De fato, os ataques mais cortantes e agressivos ocorrem quando o agressor sente-se acuada, perdendo o domínio do outro, contestado em seu poder, e vê ameaçada a conservação da situação atual que o favorece. O ataque é de fato uma defesa contra a possibilidade de a vítima insurgir-se contra essa vampirização por parte do agressor, contra seu controle e manipulação, contra a situação por ele tão lenta e duramente estabelecida que favorece a manutenção do quadro fixo de dominação em que ele se sente seguro. É neste sentido que a perversão é uma “incapacidade de considerar os outros como seres humanos” (HIRIGOYEN, 2002, p. 12), considerando-os como um meio para atingir seus fins – e aqui vemos o quanto a perversão narcísica, esta perversão que tem como mote o poder, é comum nos dias de hoje, usual, banalizada, difundida e, até mesmo, indiretamente incentivada pela mídia.

Estes fins podem ser casar-se, subir na vida social, ‘simplesmente’ ter alguém que o sirva ou a quem dominar etc. Mas a finalidade psíquica, que guia estes objetivos pontuais, será sempre a de apoiar-se em alguém, cuja vitalidade o agressor sente faltar a si mesmo e que, por isso, é fonte de inveja e que se torna vítima de sua vampirização, tomada por ele como justa. Esta vitalidade vampirizada não é utilizada em proveito próprio no sentido de uma apropriação que pudesse dar resultados, uma vez assimilada. Ao contrário, não há assimilação ou apropriação – e é isso que caracteriza-a como vampirização: a necessidade contínua de manter o outro na condição de submissão. Justamente porque não há uma potencialização real do agressor, ele não se torna independente de sua vítima e necessita dela para se apoiar, acusando-a de ser a responsável por seu fracasso.

Nos casais, no pacto inicial estabelecido informalmente, mas em geral, verbalmente, pelos parceiros, é importante para o agressor ter a promessa do outro de que a relação será estável, pois, diz o agressor, ele sofre com a instabilidade das pessoas, com os outros querendo se aproveitar dele, com a maldade e a volubilidade das pessoas e das relações. Empenhada a palavra da vítima pela estabilidade do casal, o agressor a tem como presa para suas agressões, cobranças e acusações, e toda reação contra a teia que se estabelece será tomada como falta à palavra dada, que será cobrada como se fosse incondicional, isto é, como se não se condicionasse a um tratamento suficientemente cordial de um para com o outro.

Certo, toda relação implica interesse de ambas as partes. Não há como não ser assim, e também não seria desejável que fosse de outro modo. Em boas relações, o que há é uma parceria na qual ambas as partes crescem, se fortalecem, se potencializam. Em relações neuróticas ‘normais’, certamente mais comuns, há dependência e pode haver graus de explorações de parte a parte. Mas o que caracteriza a perversão narcísica é a mobilização de uma das partes para imobilizar a outra.

Considerações clínicas sobre o tratamento da vítima e do agressor

A partir do exposto até agora, podemos entender em que sentido Hiri-goyen observa que a condução clínica, para o tratamento das vítimas, não deve de maneira alguma ater-se em responsabilizá-las. Diz a autora:

“Não é raro analistas aconselharem as vítimas [...] a verificarem até que ponto elas próprias foram responsáveis pela agressão que sofreram, até que ponto inclusive a desejaram, mesmo inconscientemente. Na realidade, a psicanálise considera apenas o intrapsíquico, [...] e não leva em conta o seu ambiente. Ignora, assim, o problema da vítima, que é considerada como cúmplice masoquista. Quando, apesar de tudo, terapeutas tentam ajudar as vítimas, pode acontecer que, com sua hesitação em nomear o agressor e o agredido, reforcem a culpa da vítima e, com isso, agravem seu processo de destruição” (HIRIGOYEN, 2002, p. 14).

Responsabilizar a vítima implica em reforçar sua impressão de que o agressor não a manipula e não a agride, e que seu sofrimento deve-se a si próprio, de modo que é ela que deve tentar superar suas dificuldades – o que ela,

no entanto, já vem tentando, e que é justamente o que a faz *enredar-se* na perversão do agressor. O paciente M., que durante quinze anos viveu um casamento extremamente destrutivo para ele, em que sua esposa o diminuía continuamente, esteve em análise ao longo do tempo em que esteve casado. Precisou sair de análise para separar-se e, ao fazê-lo, sentiu necessidade de fazer análise, mas não mais com o mesmo analista. A primeira análise lhe serviu para melhorar sua vida psíquica em diversos pontos; contudo, diz ele, a cada vez que desabafava queixando-se de sua esposa e relatando seu sofrimento atroz advindo de seus ataques, seu analista lhe dizia “mas e você?” Essa postura lhe deixava confuso, sentindo-se culpado, responsável pelo próprio sofrimento e mesmo pelas agressões sofridas, como se na verdade as provocasse. Mas, seguindo esta hipótese, não conseguia entender como poderia parar de provocar contra si as agressões. Contou-me isso a partir de minha postura em comentar as agressões infligidas a ele. Eu dizia espontaneamente coisas como “Certamente ela tem as razões dela, que ela deve ver com o analista dela. Mas ao menos a partir do seu relato, é uma agressão enorme isso. Se ela não percebe que chega assim a você, é preciso que você lhe imponha limites à avidez, ao abuso e ao desrespeito dela.” Poder ver algum defeito nas atitudes dela foi para ele surpreendente e libertador.

A situação aqui se inverte em relação ao enfoque centrado somente no intrapsíquico, colocado por alguns psicanalistas. Pois pouco importa a intenção, e sim que a atitude dela, ao menos tal como é recebida no momento pelo paciente, é de um desrespeito e de uma violência insidiosa atroz. É preciso primeiro reconhecer isso, para somente depois se poder trabalhar o lado da recepção das agressões, de tudo que leva o agredido a aceitar a agressão, a não conseguir traçar limites, a não se defender, e a ficar tão abalado ao ser agredido. É importante *primeiro* afastar a origem do assédio e da confusão afetiva e mental, se não fisicamente ao menos psiquicamente a partir do *reconhecimento* da agressão, para somente depois – a vítima já não se pondo mais tanto em questão, já não mais tão fragilizada ou por vezes desestruturada (nos termos de Winnicott, interrompido um estado crescente de desintegração) – ser possível reconhecer que sua participação se resumia no fato de não ter clareza suficiente para sair da situação. E ser então em seguida possível entender por que essa clareza não era alcançada – e não era, devido a seu desejo reparador, ligado provavelmente a algum tipo de culpa, vinculado a seu próprio narcisismo. A vítima certamente sente-se narcisicamente engrandecida e valorizada ao suportar as agressões e mesmo o sofrimento que disso decorre, a ‘entender’ o outro, a tentar melhorar-se. Como descreve Hirigoyen, trata-se de uma rela-

ção, onde um deseja dar e o outro deseja não receber, mas tomar. A vítima pode, com a ajuda da análise, passar a entender esta diferença, de que ela deve *dar* somente à condição de o outro desejar, poder, querer e saber receber, com algum grau de reciprocidade ou de reconhecimento; que *tomar*, inverter as coisas, não ajuda ao doador, e tampouco ao agressor, que apenas confirma, assim, as suas defesas.

Para a clínica da perversão narcísica, Hirigoyen busca apoio em autores como Ferenczi e Khan, de uma clínica do cuidado, ou dos afetos, mais do que uma clínica da responsabilidade ou da representação. O que em outros casos seria apenas um reforço ao eu do paciente ou, por vezes, pior ainda, um reforço do seu sintoma – confirmar a agressão sofrida por ele –, neste caso torna-se libertador e *condição* para o tratamento. Daí a importância de se reconhecer a perversão narcísica apesar de suas práticas silenciosas. Só então é possível interpretar sua participação, no sentido de compreendê-la, para poder destarte começar o trabalho de prescindir daquela isca, de desemaranhar-se daquela chantagem sentimental subliminar. Paradoxalmente, é importante não *vitimizar* o agredido, tampouco. Ele precisa ver que o analista reconhece claramente que ele é uma vítima, que foi enredada e que o difere de um masoquista; mas não deve ser enfraquecido pelo olhar do analista.

Neste, mais do que em qualquer outro quadro, me parece fundamental um uso da interpretação – tanto num primeiro momento onde não é recomendável investigar sobre a parte da vítima na relação, quanto num segundo momento onde isso já é possível – como, segundo a definição de Winnicott, sendo ela própria um *holding* (WINNICOTT, 1983, p. 155). A interpretação é fundamental, decerto, mas estou, como Winnicott, convencido de que sua eficácia está intimamente ligada ao *holding* (FERRAZ, 2002; GRAÑA, 1998), do qual ela termina por fazer parte, no sentido de que o paciente se sente compreendido quando o analista faz uma boa interpretação (WINNICOTT, 1983, p. 112), por mais que no momento, em que é feita, ela possa suscitar no paciente insegurança, angústia ou ansiedade.

Seguindo os passos de Racamier, Hirigoyen enfatiza o fato, certamente importante para a vitimologia enquanto saber jurídico, da ‘maldade’ do agressor. Para nós, e para a psicanálise no nosso entender, esta questão propriamente moral não tem relevância, aliás, talvez sequer tenha sentido. Para além de bem e mal, no tratamento do agressor importa compreender o funcionamento psíquico e afetivo do agressor, onde perdão ou condenação moral não fazem sentido. Inclusive porque, em nossa clínica, podemos encontrar pacientes não apenas vítimas da perversão narcísica, mas também agressores. Cabe com-

prender seu funcionamento psíquico para poder conduzir otimamente, dentro do possível, o trabalho de análise, tanto quando a vítima é nossa paciente quanto quando o é ele próprio.

Antes de tudo, é importante entender que o agressor não agride 'por maldade' intencional ou calculada conscientemente. Mas por um cálculo imaginário e fantasmático, com toques paranóicos explícitos e uma deformação na apreensão do real, por uma projeção de sentimentos defensivos e medos primários sobre as ações dos outros – o que nada mais é do que uma defesa fortemente estabelecida que funciona de maneira estruturante para seu psiquismo, constituindo uma versão particularmente problemática e solidificada do que Winnicott chama de falso *self*, quando este, em nome de proteger o verdadeiro *self*, finda por ocultá-lo e substituí-lo, como forma de proteção de uma melancolia e de uma depressão latentes. Ou seja, trata-se de um quadro em que há uma falta de confiança interna estrutural, advinda de uma integração arcaica do *self* extremamente problemática.

Não há má fé ou cinismo consciente na ação do agressor. Decerto, podemos observar uma extrema má fé ou cinismo inconscientes. Porém, para a consciência do agressor, o que é consciente são suas manobras, mas ele não as reconhece para si como uma manipulação e justifica-as pelo desprezo que constrói para si pela vítima; por uma raiva dela, de quem no entanto gosta, e admira, embora também a inveje. Raiva que tem origem em deslocamentos e condensações de experiências anteriores, sobretudo arcaicas. Sua agressão encontra 'justificativa' em eventos pontuais da história do convívio com a vítima, em momentos em que esta o contrariou, ou mesmo o agrediu, muitas vezes por reação provocada pelo próprio agressor. O agressor somente pensa em seus benefícios, não sente prazer em causar sofrimento em sua vítima – porém, seus fins dependem diretamente do sofrimento infligido, necessário para sua manipulação e domínio. Aos olhos do agressor, a vítima 'merece' a agressão, a partir do desprezo que ele sente por ela – e mesmo da raiva, que surge da inveja pela vítima ou nos momentos em que esta tenta escapar de seu controle. Esta defesa é tão arraigada e estruturante para o agressor, que se faz em detrimento de seu sentido de realidade, de maneira que ele de fato convence-se de seus motivos, ignorando a maneira como manipulou as reações da vítima, e acreditando no quanto estas reações que, no entanto, ele próprio provocou, são 'inaceitáveis' e acreditando, assim, que de fato a vítima lhe fez profundamente mal. Mas, é preciso entender, as reações lhe fizeram mal porque, primeiro, lhe remetem a – e confirmam – agressões sofridas em sua primeira infância e que já foram reafirmadas ao longo de sua história. E segundo, porque diante da

agressividade reativa da vítima, ele confirma que esta – e o outro em geral – não é conforme o seu ideal. Seu ideal de ego é posto fora de si e fora de alcance e, sobretudo, como superior ao que seu pai e sobretudo sua mãe puderam ser ou lhe oferecer. Enquanto em alguns casos o indivíduo culpa sua mãe por não protegê-lo das agressões de seu pai, neste ocorre o contrário, o paciente culpa o pai por não ter evitado as falhas de sustentação por parte de sua mãe.

Decorre daí que sua idealização do outro, do mundo, o faz crítico e insatisfeito em suas relações íntimas. Tudo lhe pesa. Idealização que ele inconscientemente sente de antemão ser inviável, mas por isso mesmo, por raiva de ser ela inviável, deseja se vingar disso no outro, que supostamente se propôs a ser um substituto do pai, ou da mãe, ou um par perfeito – ou algo assim – e não o é. De modo que a proposta reparadora do outro, as boas intenções do outro em suportar vicissitudes e repará-las, a disposição do outro em entender e superar as dificuldades da relação oriundas das dificuldades psíquicas do parceiro se transformam, aos olhos dele, em uma grande mentira, pela qual o outro deve ser responsabilizado e, assim, em uma agressão a ele, que deve ser vingada. Pois, para o agressor, a não correspondência à idealização do que ele, em sua fantasia, julga ter precisado e que não teve, e que julga precisar ainda, é interpretada inconscientemente como falhas insuportáveis do outro, pois o remetem às falhas ambientais arcaicas que de fato sofrera. O mundo lhe deve, e o outro representa esta dívida, que lhe será cobrada – sobretudo de quem se presta, aos seus olhos, a mentir de que pode ajudá-lo; isto é, exatamente aquelas pessoas que se propõem a ajudá-lo. Entendemos então por que caminhos psíquicos labirínticos a generosidade do outro recebe em troca abuso e o provoca: pois é sentida pelo agressor como uma mentira e, deste modo, como uma agressão, à qual ele apenas está revidando. E de fato funciona como uma agressão, pois o remete à sua dor, às suas falhas básicas, à sua precária integração, ao seu sentimento de menos-valia que tanto o ameaça em silêncio, o revolta, o faz odiar o mundo, duvidar da bondade alheia e ter dificuldade em entregar-se, em amar a vida e o outro, sobretudo em amar aquele que o ama. Se não confia no outro – seja este quem for e, mesmo, a própria vida –, acredita que só pode sobreviver dominando-o, manipulando-o, e escondendo-se.

Como é de se perceber, o agressor não tem consciência clara de seu funcionamento psíquico e, quando parece começar a ter, sobrepõe à incipiente percepção de seu próprio funcionamento psíquico, razões que confirmam sua construção defensiva, denegando a realidade. Isso porque não se sente em condições de suportar existencialmente a denúncia ou a desconstrução desta defesa. É aqui que entra, no caso da clínica do agressor, o trabalho de análise,

a condução e o manejo do *setting* por parte do analista, nesta missão praticamente impossível de tratamento do quadro de perversão narcísica. Por mais que este quadro possa ser num certo sentido irreversível, não nos parece interessante trabalhar com diagnósticos (também neste ponto concordamos com Winnicott, 1983, p. 120-121); afinal trabalhamos com pessoas e suas complexidades. São elas que devem conduzir o tratamento e, de fato, muito avanço é possível e, dependendo do caso, mesmo melhoras, extremamente significativas, são possíveis.

Devido ao caráter estruturante da defesa perverso-narcísica do agressor, defesa que se contrapõe à melancolia e depressão, ou mesmo a um colapso de cunho psicótico, que seu sintoma tenta compensar, interpretações têm pouco ou nenhum efeito. Se o analista tem como objetivo o tratamento e não a verdade do inconsciente do paciente, perceberá que interpretações tenderão a somente reforçar as defesas do paciente agressor. Tanto quanto, aliás, face aos esforços da vítima em superar os ataques do agressor. Por razões diferentes, nesta relação, interpretações somente não bastam. Para a vítima, é preciso antes reconhecer que ela não é responsável pela agressão – embora seja co-responsável por se deixar enredar na trama da agressão; mas isso somente deve aparecer num segundo momento da condução do tratamento, como dissemos – daí a importância do *holding*, no primeiro momento, de compreensão mas igualmente, ou mesmo ainda maior, no segundo momento, de interpretação.

Para o agressor, por sua vez, é preciso entender que para que ele aceite a interpretação (de que vale para o analista ter o pequeno prazer de ter a ‘boa interpretação’ mas o paciente permanecer ‘resistindo’ a ela?), ele precisará *sentir* que não ficará totalmente sem chão, que não entrará em colapso, que suportará o vazio advindo da retirada ou dissipação paulatina de suas defesas falso-*self*. Para isso, é preciso que ele se sinta sustentado pelo *holding* propiciado pelo *setting*, pela relação de análise. Para entender este ponto, é preciso sublinhar o fato de que o perverso narcísico não é o que normalmente se imagina de um psicopata; ele não é sem sentimentos, simplesmente frio, mau e cínico; ele apenas, para sua sobrevivência psíquica, por meandros psíquicos que tentamos mostrar, precisa esconder seu ‘interior’, o que ele sente como sua ‘verdade’. Ele se sente por dentro, ou teme se descobrir mau, uma pessoa ruim, inadequado, com problemas; com uma depressão, uma melancolia ou mesmo uma psicose latentes, se sente ou teme se descobrir, ou se confirmar, como valendo menos que os outros. E sente assim porque a falha ambiental inicial foi grave e seu psiquismo se estruturou sem esta confiança primária, arcaica. E toda a sua vida psíquica foi feita sobre um esforço por estruturar-se apesar

dessa falha ambiental inicial, por estruturar-se, portanto, de modo a suprir, ou antes, a esconder esta lacuna, que ele vivencia como seu conteúdo interno terrível e ruim, porque não investido por sua mãe quando era bebê – que nada mais é do que sua raiva para com o ambiente que lhe tratou com indiferença, conteúdo destrutivo e extremamente ameaçador, que pode aparecer em pesadelos na forma demoníaca, por exemplo. Ele agora sente esta falta como um déficit vergonhoso e temeroso, que ele deve ocultar de todos para ele próprio poder esquecer. Por isso ‘precisa’ continuamente apoiar-se sobre uma vítima, cujo narcisismo lhe serve para, projetando sobre ela sua raiva por sua deficiência – e a raiva que tem de seus pais por não terem lhe dado o que precisava inicialmente –, preencher a falta do seu próprio.

Na clínica do agressor, este tentará espontaneamente – e a todo custo – manipular o analista. Tentará usar a análise para confirmar que ele está sendo bem sucedido em sua tentativa de se esconder, de esconder do outro o seu problema, o seu ‘segredo’, sua falha que é vivida como terrível e que faz dele o pior dos seres – o que ele nega, com o que discorda, mas precisa confirmar que não é, sem correr o risco de ser um dia desmascarado. Injustamente desmascarado. Paradoxalmente, ele não quer que ninguém perceba essa sua lacuna, mas ao mesmo tempo precisa distanciar-se tanto dela que não a admite para si mesmo. Seu primeiro objetivo em análise é convencer o analista – tal como faz com suas vítimas – de que ele sim é uma vítima, do destino, da mãe, do pai. E de sua vítima. Quer convencer o analista de que sua vítima é de fato seu agressor. Não cabe ao analista, num primeiro momento, nem aceitar que o perverso narcísico é a vítima, nem mostrar a ele que é o agressor. E não caberá nunca ‘desmascará-lo’, e sim compreendê-lo e tentar aos poucos auxiliá-lo a tornar essas defesas desnecessárias. Também na clínica do agressor, portanto, torna-se mais uma vez indispensável o *holding*. Poder-se-ia pensar que um perverso narcísico não estabelece vínculo e que o *holding* seria mesmo impossível nesse caso. Ao contrário, é somente a partir do estabelecimento do *holding* que o perverso narcísico poderá, muito aos poucos, adquirir confiança de que não precisa se esconder até mesmo do analista; e que, portanto, não precisa manipulá-lo ou enganá-lo. A partir do *holding*, ele poderá paulatinamente não somente perder a vergonha de ser ‘descoberto’, de ter sua ‘maldade’ desvendada, como sobretudo sentir que não terá um colapso, um surto, uma desintegração caso abaixe a guarda em análise, aceite regredir, abrir mão de suas defesas que lhe custam tanto esforço e tanta vigília para serem, sem descanso, continuamente mantidas. É certamente o desejo de ajudar o agressor desta maneira que move a vítima a enredar-se no jogo do perverso narcísico. Eis mais um motivo para que o

analista consiga discernir que se trata de um perverso narcísico, e que conheça este quadro não somente para não se enredar em sua trama, como também para não tomá-lo moralmente, e para entender a importância do *holding*. Certo, o paciente perverso narcísico tentará com muito talento manipular o analista. Porém, como diz Winnicott nesta passagem crucial: “O analista [...] acredita no paciente e, quando este o engana, acredita nos motivos do paciente para enganá-lo” (WINNICOTT, 1983, p. 216). É preciso aceitar a tentativa de manipulação do paciente, acolhê-la, entender que ela é vivida como necessária para o paciente naquele momento, para poder estabelecer um solo de confiança para que o paciente possa ousar relaxar suas defesas e sair de seu retraimento solidamente erigido ao longo de toda a sua vida. Mais uma vez fica claro que uma interpretação de sua defesa manipulatória, devida a uma identificação projetiva paranóica, de nada adiantará, ao menos num primeiro momento. Como diz Winnicott, o risco de interpretações “está em que as necessidades do paciente em termos de dependência infantil possam ser perdidas de vista” (WINNICOTT, 1983, 155). E não há a menor dúvida de que a origem da perversão narcísica remete ao período da preocupação materna primária. É o trabalho sobre esta fase que é preciso ser feito, e ele se faz pelo *holding*.

Nunca é demais lembrar que o *holding*, de que fala Winnicott (1983, *passim*), não significa em nada o que costumamos chamar de ‘colo’. Esta confusão certamente se faz pelo fato de que para o bebê o *holding* da mãe é antes de tudo uma sustentação física em seus braços. Mas mesmo aí, a sustentação física significa – sem representar, isto é, é vivida afetivamente como – um *solo*, não um *colo*: mais precisamente, algo que propicia um sentimento de continuidade psíquica e portanto existencial para o bebê, e, no caso da situação analítica, para o paciente. O *holding* é vivido como um sentimento de confiança na continuidade de si, mesmo em momentos em que esta continuidade não é garantida pelas defesas psíquicas próprias, erigidas ao longo de nossas vidas para dar sustentação a nosso eu e a nosso *self*. É precisamente por isso que – a meu ver, sempre, mas sobretudo, em certos casos, como o da perversão narcísica, como já dissemos – a interpretação deve vir a partir do *holding* e como uma forma de *holding*.

Em outras palavras, o inconsciente se forma a partir de afetos. Mesmo quando as palavras o constituem, o fazem porque e somente quando carregam afetos, isto é, quando estão investidas psiquicamente, libidinalmente, afetivamente. A palavra e, portanto, a interpretação, somente pode causar efeito porque inevitavelmente afeta, mas o efeito causado não necessariamente vai no sentido do que o paciente precisa naquele momento para desenrijecer suas de-

fasas. É neste sentido que Winnicott considera que “a interpretação correta [pode] ser um trauma, que o paciente tem que rejeitar” caso não a possa ouvir como sua (WINNICOTT, 1983, p. 50). “As mudanças ocorrem na análise quando os fatores traumáticos entram no material psicanalítico no jeito próprio do paciente, e dentro da onipotência do mesmo. As interpretações que podem mudar algo são aquelas que podem ser feitas em termos de projeção”, o paciente as criando ou as aceitando como se as tivesse criado, projetando-as na fala do analista (WINNICOTT, 1983, p. 38). O afeto precisa ser sustentado pelo *holding*, pois é somente em confiança que o paciente conseguirá relaxar sua guarda, ao invés de ser provocado e chamado a erguê-la ainda mais defensivamente. No tratamento da perversão narcísica, seja do agressor seja da vítima, as palavras, aquelas que se incluem no *holding*, estas podem, sim, favorecer e facilitar uma compreensão afetiva que, sem o *holding*, isto é, sem a confiança – e o desta decorrente sentimento de continuidade, não seria possível. As palavras, como parte da sustentação que, de forma diferente, faltou tanto ao agressor quanto ao agredido, devem quebrar esse silêncio que perpetua a perversão. Na clínica do agredido, de forma direta; na do agressor, de forma indireta; mas em ambos os casos, cuidando-se para que a interpretação se dê sem ameaça ao eu do paciente, pois somente sentindo-se em solo firme poderá lentamente abrir mão de suas defesas. É a partir da experiência afetiva vivida no *setting*, na qual se inserem as interpretações, que algo pode mudar na repetição afetiva e defensiva de um paciente e, no caso da perversão narcísica, seja ele vítima ou agressor.

André Martins Vilar de Carvalho

Av. São Sebastião, 105/301

Urca-Rio de Janeiro-RJ

22291-070

fone: (21)2543-9572

e-mail: andre.mar@terra.com.br

Referências

ANDRÉ, Serge. *L'imposture perverse*. Paris: Seuil, 1993.

ANGELERQUES, Jacques; KARNEL, François. Argument. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 67, n. 3. Paris: PUF, 2003.

- EIGUER, Alberto. *Le cynisme pervers*. Paris: L'Harmattan, 1995.
- _____. *Des perversions sexuelles aux perversions morales*. Paris: Odile Jacob, 2001.
- _____. *Le pervers narcissique et son complice*. Paris: Dunod, 1996.
- _____. Croyance et narcissisme dans la relation perverse. *Études psychotériques*, 42, XI, 4, p. 271-278. 1980.
- FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- GRAÑA, Roberto Barberena. Além do desvio sexual: analisando a assim chamada perversão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 1, p. 83-101, 1998.
- HIRIGOYEN, Marie-France. *Assédio: a violência perversa no cotidiano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- HURNI, Maurice; STOLL, Giovanna. *Les saccages psychiques au quotidien: perversions narcissiques dans les familles*. Paris: L'Harmattan, 2003a.
- _____. Perversion narcissique dans les couples. *Revue française de psychanalyse*, v. 67, n. 3, p. 873-893, 2003b.
- _____. *La haine de l'amour: la perversion du lien*. Paris: L'Harmattan, 1996.
- NAVES, Emilse Terezinha. O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 2, n. 2, p. 108-120, 1999.
- RACAMIER, Paul-Claude. *Le génie des origines*. Paris: Payot, 1992.
- _____. La perversion narcissique. *Gruppo*, n. 3, 1987.
- _____. Entre agonie psychique, déni psychotique et perversion narcissique. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 50, n. 5, 1986.
- WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*, Porto Alegre: Artmed, 1983.